

Laurence Bergreen

Casanova

A vida de um gênio sedutor

TRADUÇÃO
Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2016 by Laurence Bergreen

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Casanova: The World of a Seductive Genius

Capa

Jorge Oliveira

Imagem de capa

Reclining Nude (Miss O'Murphy), século XVIII, óleo sobre tela de François Boucher, 59,5 × 73,5 cm. Wallraf Richartz Museum, Colônia, Alemanha/ Bridgeman Images/ Fotoarena

Preparação

Diogo Henriques

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bergreen, Laurence

Casanova : A vida de um gênio sedutor / Laurence

Bergreen ; tradução Cássio de Arantes Leite. — 1ª ed. —

Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

Título original: Casanova : The World of a
Seductive Genius.

Bibliografia.

ISBN 978-85-470-0081-3

1. Aventura e aventureiros – Europa 2. Biografia
3. Casanova, Giacomo, 1725-1798 4. Escritores italianos
– Século 18 – Biografia I. Título.

19-24642

CDD-928.51

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores italianos : Biografia 928.51

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Para Zata e Jacqueline, e à memória de minha mãe



Casa de
Caterina Capretta

Palazzo Memmo

GRANDE CANAL

Cassino de
Manco Dandolo

Palazzo
Zaguri

Casa
da avó de
Casanova
Calle delle Munege

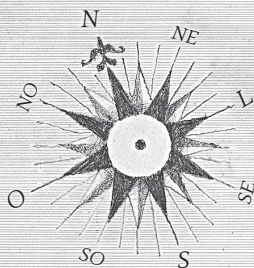
Teatro San
Samuele

Palazzo Malipiero

Igreja de San Samuele

Local de
nascimento de Casanova
Calle delle Commedia

LAGUNA VENEZIANA



Casa do
conde Bonafede

Última casa
de Casanova
Barbaria delle Tole

Teatro Malibran

Palazzo Bragadin

Palazzo Grimani

Piazza San
Marco

Palácio do Doge
E embaixo, a prisão I Piombi

○ Ridotto



A VENEZA
DE
CASANOVA

Amor é três quartos curiosidade.

GIACOMO CASANOVA



<i>Prefácio</i>	13
-----------------------	----

LIVRO I: VENEZA

1. Zanetta	21
2. Angela	40
3. Bellino	72
4. Zelmi	85
5. Henriette	104
6. Mimi	120
7. Maria Eleonora	146
8. Tonina	180
9. I Piombi	196

LIVRO II: PARIS E ALÉM

10. Madame D'Urfé	227
11. Miss Wynne	247
12. A freira de olhos negros	269
13. Hedwig e Helena	290
14. Marcolina	304
15. La Charpillon	315
16. Zaire	337
17. Doña Ignacia	355
18. Nina	378

19. A provocadora	396
20. Francesca	409
<i>Obras de Giacomo Casanova</i>	437
<i>Agradecimentos</i>	439
<i>Notas</i>	443
<i>Bibliografia selecionada</i>	449
<i>Créditos das ilustrações</i>	461
<i>Índice remissivo</i>	463

Prefácio

Hoje em dia, Giacomo Casanova personifica o amante latino arquetípico. Praticamente todo mundo tem um pouco de Casanova. Mas, para seus contemporâneos do século XVIII, o nome significava algo diferente — o veneziano aventureiro, espião, duelista, jogador, expert na arte de escapar de situações difíceis e autor de quase cem romances, poemas e tratados. Jean-Jacques Rousseau, Voltaire, a imperatriz russa Catarina, a Grande, Benjamin Franklin, Mozart e Lorenzo Da Ponte — libretista do *Don Giovanni* de Mozart e uma figura extravagante por si própria — eram todos amigos e correspondentes. Para eles, Giacomo Casanova encarnava o espírito da liberdade e, mais do que isso, da libertinagem — do prazer sexual irrestrito. Pensamos na Europa do século XVIII como a Era da Revolução ou a Era do Iluminismo, mas ela foi também a Era de Casanova, o arrivista veneziano que incorporou suas paixões e seus prazeres. Pensamos também em Casanova como um grande narcisista, mas ele desempenhou inúmeros outros papéis na sociedade conforme procurava encontrar um lugar onde sua autoimagem exaltada, porém frágil, pudesse se encaixar. Foi uma figura genuinamente ultrajante que também calhou de ser um gênio da literatura, da psicologia e da matemática; um mestre da autoinvenção e da autopromoção; um dedicado trapaceiro das cartas, vigarista e especialista na arte da fuga que concebeu a loteria francesa (utilizada ainda hoje); e se tornou uma das primeiras celebridades da Era Moderna.

Por que continuamos fascinados por esse arrivista mais de duzentos anos após sua morte? Ele não era belo nem instruído, tampouco tinha berço. Não possuía status ou poder. De algum modo, esse empobrecido filho de uma atriz se transformou no libertino mais celebrado de todos os tempos e numa figura literária maiúscula de sua era. Foi uma vida vivida em cartas, tanto quanto na alcova. Casanova é lendário por personi-

ficar o arquétipo do romântico, promíscuo e sedutor, embora suas realizações menos conhecidas, mas igualmente impressionantes, na matemática e na literatura tenham recebido reconhecimento tardio e apenas parcial. Ele partiu corações de Veneza a Paris e Praga. Casanova exaltava as mulheres até mesmo quando as explorava. Preferia fazer amor (quanto mais romântico melhor), e não guerra, ao viver suas fantasias sexuais e românticas. Seu desejo não conhecia limites; trata-se de um homem que afirmou ter seduzido a própria filha e que a teria levado para vê-lo fazer amor com a mãe. Como esse inconsequente zé-ninguém acabou se relacionando com as mulheres mais belas e as maiores mentes de seu tempo? Como veio a escrever suas consumadas memórias eróticas? Como esse filho pouco amado e rejeitado veio a se tornar o amante mais célebre da história?

O Casanova da vida real (em um retrato feito por seu irmão Francesco) guardava pouca semelhança com a imagem popular do fabuloso sedutor. Ele era alto, com cerca de 1,90 metro, de tez morena, rosto anguloso, com testa ampla e um nariz proeminente que lhe davam o aspecto de um ganso gigante. Costumava usar peruca empoadada, à moda da época, culotes de seda justos, chapéu tricorne preto e um *tabarro*, ou manto, geralmente preto, caindo pelos ombros e decorado com babados. O mais espantoso de tudo, venezianos genuínos, e apenas venezianos, usavam a *bauta*, a máscara branca



*Giacomo Casanova de perfil, c. 1750,
por seu irmão, Francesco Giuseppe.*

rígida, o tempo todo, ou quase isso. A nobreza, tanto homens como mulheres, usava máscaras em público e muitas vezes dentro de casa. Nos teatros, funcionários conferiam se as máscaras estavam colocadas corretamente, embora os nobres pudessem tirá-las quando a peça começava. Nobres que se reuniam com embaixadores por motivos oficiais tinham de usar a *bauta*, assim como os diplomatas.¹ O traje completo era a imagem que Veneza apresentava ao mundo e a si mesma.

As mulheres da República ocultavam-se atrás da misteriosa *moretta* negra, uma máscara de veludo que ficava presa no lugar por um botão seguro entre os dentes da frente, impedindo quem a usava de falar. (O nome derivava da palavra *moro*, a cor preta, em vêneto.) Também era conhecida como a *servetta muta*, ou “criada muda”, variedade, se é que possível, ainda mais estilizada e sinistra que a *bauta*. Essas fantasias não eram apenas para o Carnaval ou para os bailes.² Com poucas exceções, os venezianos as usavam o ano todo, e as leis venezianas tinham severas punições para quem violasse o código de vestimenta.

Os homens com frequência achavam Casanova desagradável e pomposo. “Achei-o um cabeça de vento”, escreveu o biógrafo James Boswell após se conhecerem.³ “Ele é um dândi, cheio de si, inchado de vaidade como um balão e espalhafatoso como uma roda de moinho”, disse o dramaturgo veneziano Pietro Chiari, um amargo rival. Mas as mulheres eram suscetíveis a seu charme, suas atenções e sua astúcia. Embora relutasse em admitir, Casanova não era completamente heterossexual; sentia atração por homens disfarçados de mulher e por mulheres disfarçadas de homem. Tudo nele era ambíguo, ao mesmo tempo desconcertante e fascinante.

Ele dormiu com 122 mulheres, por suas contas, e talvez com alguns homens. Numa sociedade dedicada ao excesso e à indulgência, muitos venezianos se vangloriavam de mais conquistas, mas, ao contrário desses outros libertinos, ele registrou cada mínimo detalhe de suas aventuras em vívidos e às vezes pornográficos pormenores. Nesse *Kama Sutra* veneziano, ele revelava, com precisão e meticulosidade surpreendentes, as proezas de sua vida, deleitando-se com suas escapadas, conquistas amorosas, reveses e indulgência carnal. Buscando se vingar da sua falta de status no nascimento, devotou sua existência a corrigir esse erro por meio do sexo. Ele o usou para romper as barreiras de classe, gerando oito filhos ilegítimos, cada um com uma mulher diferente, com quem se recusou a se casar. Às vezes comportava-se como um canalha; outras, como um gênio. Era o arquétipo do mau namorado: irresistível, perigoso, amoral. Casanova não era o único hedonista diligente de sua época, tampouco a figura literária mais brilhante, e certamente não era o único cafajeste, mas era inigualável em desempenhar os três papéis à perfeição.

Embora o lugar de Casanova na história da sensualidade e do folclore amoroso esteja assegurado, para muitos constitui surpresa que tenha sido uma pessoa de carne e osso e ainda uma figura proeminente do Iluminismo. Sua *Histoire de ma vie* [História

da minha vida], em doze volumes, escrita em francês, representa a fonte de informação mais importante sobre sua vida e seus amores, bem como uma visão caleidoscópica de seu tempo. Suas 3700 páginas, escritas numa caligrafia bela e firme, estão guardadas na Bibliothèque Nationale de France, em Paris. São uma aquisição recente. Depois que uma comissão francesa declarou a obra um tesouro nacional, a BnF pagou 9 milhões de dólares para obter o manuscrito: a aquisição mais cara na história da biblioteca. Casanova, em sua vaidade suprema, teria ficado extremamente orgulhoso com essa confirmação de seu lugar central nas letras francesas e na vida intelectual de sua era.

Se o seu épico de sedução, espionagem e alpinismo social tivesse sido publicado em vida, teria chocado seus contemporâneos e comprometido a vida e a reputação de venezianos proeminentes e de outras pessoas importantes cujos vícios e escapadas tornam a leitura do livro tão interessante. As transgressões sexuais, até mesmo a sedução da filha ilegítima, que talvez tenha engravidado dele, eram reveladas ali em um mundo tão regulamentado quanto amoral.

Mas Casanova publicou muita coisa em vida. Escreveu um romance de ficção científica em vários volumes, além de uma história da Polônia, também em diversos volumes; traduziu a *Iliada* para o italiano; compôs quatrocentos poemas; envolveu-se em uma polêmica desmentindo Voltaire; escreveu cerca de 2 mil cartas sobre quaisquer ideias que lhe viessem à cabeça; e deixou ainda 3 mil páginas de projetos literários não finalizados, ao mesmo tempo que se envolvia em casos amorosos ardentes e intrigas elaboradas. Sua ânsia sexual só era comparável ao seu ímpeto literário.

A superstição era a regra na Veneza de Casanova. Acreditava-se que a magia e o demônio levavam as pessoas a se perder nas ruas labirínticas da cidade e até a enlouquecer. Os venezianos acreditavam na existência de fantasmas. Mesmo hoje, alguns juram que, ao encostar a ponta dos dedos na parede de uma casa, conseguem sentir a presença dos falecidos e escutar suas vozes.

A República se esparramava por 180 ilhotas em uma laguna, ou pântano, colonizada por refugiados desesperados vindos de Roma, Pádua e outras cidades saqueadas por invasores nos primeiros séculos da Era Cristã. Rebelando-se contra prelados e generais, eles estabeleceram o primeiro doge — título derivado de *dux*, “líder”, em latim — em 726 e tomaram as rédeas do império. Mercadores venezianos furtaram as relíquias de Marcos Evangelista — um dos discípulos de Paulo de Tarso e Pedro — de Alexandria em 828 e as levaram para Veneza, onde permanecem até hoje, na basílica de São Marcos, o centro espiritual da cidade.

Além dos limites da laguna, o Iluminismo — dedicado à reforma social, à promoção do conhecimento e à liberdade sexual — circulava, cultivando novas ideias pela Eu-

ropa ocidental, mas os venezianos rejeitavam obstinadamente influências externas. O instruído e poliglota Casanova criticava duramente Voltaire e Rousseau, duas figuras proeminentes do movimento. No entanto, talvez fosse Casanova que Voltaire tivesse em mente quando, em 1770, afirmou que o ótimo é inimigo do bom. Casanova estava longe de ser uma pessoa ótima; sua mensagem era de regozijo na exploração sexual como caminho para a realização pessoal e a iluminação. Não obstante, ele conservou sua lealdade à velha ordem familiar e corrupta; preferia a emoção da escapada à responsabilidade da liberdade. Acreditava piamente em Deus e se compadecia dos que não o faziam. Mas, enquanto libertino, franco-maçom, epicurista e devoto da cabala, estava sempre tentando romper os limites das instituições venezianas para exaltar o eu — e a sexualidade. Acreditava em tudo que aparecia na sua frente: religião, filosofia, magia, ciência e, especialmente, amor. Ele apimentou a Era do Iluminismo com sexo e mais sexo. Explorou as mulheres despudoradamente. Ao mesmo tempo, entregava-se às mulheres que possuía. “Eu não conquisto, me submeto”, explicou. Exaltava as mulheres além da razão. Cada envolvimento amoroso era, para ele, uma reunião de mente e espírito, um vislumbre da eternidade e do êxtase.

Livro I

ENEIDA

1. Zanetta

A primeira mulher importante na vida de Giacomo Casanova foi sua exibicionista e elusiva mãe, Zanetta Farussi. Conhecida publicamente por seu nome artístico, La Buranella, um tributo ao local onde nasceu, a pitoresca e minúscula ilha de Burano, na laguna veneziana, notável por suas casas pintadas de fúcsia, limão, turquesa, oliva, amarelo, verde e outras cores caprichosas. Dela, Casanova herdou uma mistura sedutora de pendor pela astúcia, pela extravagância e pelo artil.

Filha de um sapateiro, Zanetta se transformou numa celebrada atriz e cortesã, a heroína de um conto de fadas para adultos.¹ Ela nasceu em 27 de agosto de 1707, filha ilegítima de Girolamo Farussi e da viúva Marzia Baldissara, e foi batizada em 4 de setembro na antiga igreja de San Giacomo dell'Orio, no centro de Veneza. Em alguns meses, a pequena família se estabeleceu na paróquia de San Simeone Grande, e em 31 de janeiro de 1709 seu pai e sua mãe se casaram e voltaram a se mudar, agora para a Calle delle Muneghe, uma rua cheia e movimentada na paróquia de San Samuele.

Aquele inverno registrou as temperaturas mais frias em quinhentos anos.² A laguna veneziana se transformou num bloco de gelo. O gado pereceu, as cristas das galinhas congelaram e caíram, rompendo-se com o ar frio, e viajantes morreram. A fome era onipresente. Os venezianos aguentaram firme, como sempre. Grande parte do povo, que era apaixonado pela arte teatral, encontrava emprego como cabeleireiros, bilheteiros, professores de canto e atuação, contrarregas e especialistas em iluminação. Havia entre eles fãs obcecados, puxa-sacos e pretensos atores. Dramaturgos em busca de atenção liam suas peças para transeuntes indiferentes, e admiradores secretos das atrizes tentavam obter um vislumbre de suas divas. Carlo Goldoni, que estudava para a carreira sacerdotal, fez uma tentativa de adaptar comédias gregas e romanas para o palco e acabou transfor-

mando a *commedia dell'arte*, o gênero burlesco recheado de improvisos.³ O público da época sentia-se perfeitamente familiarizado com seus personagens típicos — o Pantaleão, o Polichinelo, a Colombina — e suas peripécias. Todo mundo sabia o que o Arlequim ia dizer antes que ele abrisse a boca, assim Goldoni inventou novas palavras para o personagem. Os atores passaram a contar com seus diálogos e orientações de direção. Para dar conta de suprir o apetite pela novidade, terminava suas peças em questão de dias. A ideia de copyright ou direitos autorais era inexistente. Quando Goldoni entregou dezesseis peças completas para seu gerente numa temporada, não recebeu bonificação alguma por seu trabalho — “Nem um centavo a mais do que o salário anual, nada”. Recebia elogios de sobra, mas, como observou, “não se vive só de glória”.

Em meio a essa efervescência, um jovem ator chamado Gaetano Casanova ficou enamorado de uma atriz conhecida como La Fragoletta — “Moranguinho”. Essa criatura voluptuosa na verdade se chamava Giovanna Benozzi. Em 1713, aproximadamente, Gaetano abandonou sua Parma natal para se juntar a ela em Veneza, onde a mulher gerenciava dois teatros, San Luca e San Samuele, em nome da poderosa dinastia Grimani. Bem depois, Giacomo alegaria ter ouvido dizer que Gaetano, seu pai, iniciara a carreira como dançarino e, mais tarde, voltara-se para a atuação, “sendo merecedor de estima ainda mais elevada por seu caráter do que por seu talento” — um modo diplomático de dizer que não era bom ator.

Algo deu errado nas investidas de Gaetano sobre La Fragoletta e ela fugiu para Paris com outra trupe teatral. Permanecendo em Veneza, Gaetano entrou para a companhia permanente do Teatro San Samuele, apresentando-se em farsas e pantomimas e indo morar na Calle degli Orbi, na casa de sapateiros que alugavam quartos para atores. Segundo Giacomo, a pequena família incluía Girolamo Farussi, sua esposa, Marzia, e a filha de dezesseis anos do casal, Zanetta.

Gaetano se apaixonou por Zanetta em 1723 e imediatamente enfrentou resistência. “Por ser um ator”, explicou Giacomo em suas memórias, “[Gaetano] não podia nutrir esperanças de tê-la com o consentimento de Marzia, sua mãe, e menos ainda de Girolamo, seu pai”, que “via atores como uma abominação”.⁴ Quando Girolamo faleceu, no ano seguinte, Marzia conservou o direito de viver na Calle de Muneghe, na casa de uma instituição de caridade, e o principal obstáculo à união de Zanetta e Gaetano foi removido. Em 27 de fevereiro de 1724, eles se casaram na igreja de San Samuele.

Segundo o relato exagerado de Casanova, os amantes fugiram para se casar, com Marzia “protestando de forma histérica” e o pai da jovem “morrendo de tristeza” pouco após o matrimônio, não antes. Numa realidade menos novelesca, os recém-casados foram morar com Marzia, a sogra enviuvada de Gaetano, que acolheu a companhia dos

dois. Por algum tempo, a vida foi tão normal quanto poderia ser para um casal esforçado de jovens atores em Veneza. Gaetano conservou o emprego no teatro e Zanetta ocasionalmente pegava pequenos papéis, a despeito de ter prometido renunciar ao teatro depois de casada. A jovial *soubrette* chamou a atenção do dono do teatro, Michele Grimani, que pertencia à classe dominante de Veneza, uma casta estreitamente coesa de cerca de quatrocentas famílias. Ele era uma figura augusta de fato. As fofocas sobre o envolvimento dos dois nunca cessaram, sobretudo quando Zanetta engravidou — muito provavelmente de Gaetano.

Casanova escreve que nasceu “desse casamento nove meses depois, em 2 de abril de 1725”, e foi batizado três dias mais tarde. Assim diz seu relato oficial sobre suas origens. Em seus últimos anos, ele revisitou o tema de sua paternidade com a publicação de um longo relato satírico, *Nè amori, nè donne*, alegando que Michele Grimani, e não o atormentado Gaetano Casanova, era seu verdadeiro pai. Grande parte da identidade e do legado de Casanova como o sedutor galante e erudito está envolta no enigma de sua paternidade. Se o seu pai foi de fato o humilde e afável ator de Parma, a persona chamativa que seu filho forjou para si próprio foi um dos mais bem-sucedidos e prolongados atos de autoinvenção de sua era, uma performance de vida inteira capaz de suplantar qualquer coisa que seus pais poderiam ter imaginado. Mas se o seu pai foi o aristocrático Grimani, seus pais verdadeiros nunca poderiam ter se casado. A nobreza veneziana com frequência tinha filhos fora do casamento, ainda que as leis em sua sociedade proibissem o casamento com pessoas de fora do círculo. Se Giacomo Casanova realmente era filho ilegítimo de Grimani, ele fazia parte de uma extensa mas negligenciada classe de crianças, e o casamento de Zanetta serviu para acobertar sua indiscrição. De um modo ou de outro, a criança seria um eterno pária, com acesso negado ao mundo rígido e privilegiado da nobreza veneziana. Enquanto continuasse em Veneza, seria lembrado de sua falta de status diariamente. Seria um príncipe ilegítimo ou um pé-rapado? Essa crise de identidade o estimulou, importunou e atormentou ao longo dos anos. Ele passaria a vida tentando obter por meio de lisonjas e ocasionalmente à força um lugar entre o círculo do qual acreditara ter sido excluído.

Incansável e ambiciosa, Zanetta conseguiu chamar a atenção de Goldoni, que procurava se moldar à feição de Molière, a grande voz da comédia francesa do século precedente. Mas ali era a Itália. “Na França”, um diretor de teatro aconselhou-o certa vez, “você pode tentar agradar ao público, mas aqui na Itália são os atores e as atrizes que se deve ter em mente.” Isso era tão verdadeiro na vida como no palco; em Veneza, as personalidades prevaleciam sobre os costumes, e entre uma das mais fascinantes que Goldoni conheceu estava Zanetta. Ela lhe pareceu “linda e muito talentosa” e obteve um papel em seus interlúdios musicais, encantando o público com seu “bom gosto, ouvido e execução perfeitos”.⁵

Enquanto estava em turnê em Londres, Zanetta deu à luz seu segundo filho, Francesco, em 1727. Giacomo foi a criança que ela deixou para trás, em Veneza, e Francesco aquela que manteve a seu lado, em Londres. Ele se tornou seu filho predileto, o que tinha mais chances de dar certo na vida. E quanto a Giacomo? A ele coube o papel do filho inconveniente e esquecido. Contudo, essa criança rejeitada e sem amor se tornou o amante mais famoso dos tempos modernos, além de gênio matemático e literário. E Francesco? Tornou-se um artista estimado em sua época; sua fama ultrapassava de longe a do indecoroso irmão mais velho.

Já adulto, Giacomo ficou a par da carreira teatral da mãe, bem como de sua tentativa de moldar a própria identidade; ela legou ao filho o desejo de fazer o mesmo. Anos depois, ele viajaria para Londres, Dresden e Praga, cidades que a mãe amava e onde havia morado e se apresentado, como que tentando capturar sua desvanecida glória. Aonde quer que fosse, buscava o rosto, os lábios, os olhos e o cheiro de sua jovem mãe em cada amante que conquistava. Em sua mente, eram todas manifestações de Zanetta; assim ele as seduzia para que o seduzissem.

A história de como esse patinho feio se transformou no galante cisne veneziano conhecido como Casanova é extraordinária. Seu desenvolvimento na infância foi de uma lentidão alarmante. Quando criança, ele nunca falava e era considerado tolo, fadado ao anonimato. Giacomo, que acabou por escrever doze tomos de memórias recordando as pessoas e os eventos de sua vida em cativantes e primorosos detalhes, alegava não ter nenhuma lembrança dos primeiros oito anos de sua vida.

Em agosto de 1733, tudo mudou quando seu “órgão da memória se desenvolveu”. E vejam só:

Eu estava no canto do quarto, apoiado na parede, com a cabeça recostada e olhando para o sangue que escorria do meu nariz para o chão. Minha avó Marzia, que me tinha como favorito, aproximou-se de mim, lavou meu rosto com água fria e, sem informar ninguém na casa, subiu a bordo de uma gôndola e levou-me para Murano. Trata-se de uma ilha densamente povoada a cerca de meia hora de Veneza. Deixando a gôndola, entramos em um barraco, onde encontramos uma velha sentada em um palanque, com um gato preto nos braços e cinco ou seis em torno. Ela era uma bruxa.

Marzia conversou com a bruxa no dialeto friuliano, incompreensível para Giacomo, e lhe deu um ducado de prata, ao que “ela abriu um baú, pegou-me em seus braços, enfiou-me ali dentro, fechou a tampa e trancou, dizendo-me que não tivesse medo”. Deitado na escuridão, segurando um lenço junto ao nariz sujo de sangue, ele escutou

“a alternância de risadas e choros, gemidos, cantoria e diversas batidas surdas no baú”. A bruxa o tirou de dentro e o submeteu a “inúmeros afagos”. Então o embrulhou num lençol, recitou encantações, libertou-o e finalmente lhe deu comida, depois voltou a afagá-lo com um unguento calmante, e conforme o vestia o advertiu de que seu sangramento diminuiria contanto que não contasse a ninguém sobre o tratamento. De outro modo, sangraria até a morte. Por fim, uma “mulher encantadora” o visitaria e sua “felicidade dependeria dela”.

Ele foi para casa com a avó e, nesse ponto, “vi, ou achei que vi” — acrescentou cautelosamente — “uma mulher deslumbrante descer pela chaminé [...] usando na cabeça uma coroa com uma profusão de joias que pareciam cintilar como fogo”. Ela sentou em sua cama e abriu diversas caixas pequenas. “Após fazer um longo discurso, do qual não compreendi coisa alguma, e me beijar, partiu como havia chegado.”

Na época, Giacomo não falou com ninguém de seu incidente místico. Ele o manteve selado “no recesso mais secreto de sua incipiente memória”, para abri-lo apenas anos mais tarde, quando escrevia suas memórias. Era sua primeira e mais poderosa lembrança, seu mito de origem, relatando como o frágil e debilitado Giacomo teve a saúde restituída por essa mulher benigna, de beleza estonteante. “Os remédios para as piores doenças nem sempre são encontrados no boticário”, aconselhava; eles podem ser achados nos rincões mais distantes do cosmos ou do coração. A despeito dessa manifestação de uma sensualidade feminina que tanto salvou sua vida como reviveu seu intelecto hibernante, ele continuou mais cético do que místico. “Nunca houve magos neste mundo”, explicou, apenas aqueles “capazes de persuadir [os outros] que são tais coisas”.

Após o tratamento, Giacomo parecia um caso tão perdido quanto antes, “uma companhia muito débil”, em suas palavras. “As pessoas sentiam pena de mim e me deixavam sozinho; todo mundo supunha que eu não viveria muito. Minha mãe e meu pai nunca falavam comigo.” No entanto, milagrosamente, ele recuperou as forças. A hemorragia no nariz cessou. Sua mente começou a se agitar e “em menos de um mês aprendi a ler”.

Com o intelecto, veio a decepção. Três meses depois, Giacomo recorda com um estremecimento, ele e seu irmão mais novo, Francesco, estavam observando o pai trabalhar em sua oficina de oculista. “Sobre a mesa, notei um grande cristal redondo lapidado em facetas.” Era fascinante segurá-lo diante dos olhos e ver “tudo multiplicado”. No momento seguinte, “percebendo que ninguém me observava, aproveitei a oportunidade para enfiá-lo no bolso”. Enquanto seu pai procurava o valioso objeto, Francesco afirmou com sinceridade não saber nada a respeito, e o dissimulado Giacomo alegou o mesmo.

Gaetano ameaçou dar uma surra no culpado. O jovem Giacomo fingiu procurar o cristal antes de transferi-lo para o bolso do irmão inocente. “Fiquei com pena na

mesma hora”, admitiu, “mas o crime já fora cometido. Meu pai, exasperado com nossos esforços inúteis, faz uma revista em nós, encontrou o cristal no bolso de meu pobre irmão e lhe infligiu o castigo prometido.” Giacomo foi incapaz de ficar de bico fechado: “Três ou quatro anos mais tarde, fui estúpido o bastante para me gabar com meu irmão de que eu lhe passara a perna naquele episódio. Ele nunca me perdoou e aproveitava toda oportunidade para se vingar”. Francesco seria o primeiro de muitos homens a se indispor com Giacomo.

Seis semanas depois, tragédia bem maior ocorreu. Nas palavras de Giacomo, “meu pai foi atacado por um abscesso na cabeça, na altura do ouvido, que o levou para o túmulo em uma semana”. Os remédios aplicados por um médico apenas agravaram o quadro.

Dois dias antes de morrer, Gaetano convocou a família e os amigos mais próximos; entre eles incluíam-se o Signor Grimani, o nobre veneziano que diziam ser amante de Zanetta. Gaetano os fez prometer que protegeriam seus filhos e, chorando copiosamente, pediu mais uma coisa. “Fez nossa mãe, que se desmanchava em lágrimas, jurar que não conduziria nenhum de seus filhos para os palcos, onde ele nunca teria pisado não fosse o fato de ter sido levado a isso por uma desafortunada paixão. [...] Ela prometeu.”

Zanetta, que precisava da renda no teatro para alimentar as crianças, estava grávida de seis meses. Ela nunca voltou a se casar — “com toda sua beleza e juventude, recusou todos os pretendentes que vieram pedir sua mão”. Quanto a Giacomo, “eu estava extremamente debilitado, sem apetite, era incapaz de me empenhar no que quer que fosse, e parecia um idiota”.

Continuava perdendo grandes quantidades de sangue, até mais, assim parecia à sua família, do que seu pequeno corpo era capaz de produzir. Os médicos chegavam com expressão sombria; um deles o aconselhou a respirar de boca aberta para manter os pulmões cheios. Um amigo de seu pai, um poeta e aristocrata chamado Signor Baffo, determinou que o menino devia ser mandado a Pádua para tratamento, “e a quem, por consequência, devo minha vida”.

Um padre conhecido da família localizou uma pensão em Pádua para o menino. “Em 2 de abril de 1734, dia em que completei nove anos, fui levado a Pádua em um *burchiello*”, o que, explicou ele, “pode ser considerado uma pequena casa flutuante. Ele possui um salão com uma cabine em cada ponta e alojamentos para criados à popa e à proa”. Os *burchiellos* serviam para festas flutuantes e inspiraram uma torrente de escritos exaltando-os. Goldoni, Byron, Goethe, Montaigne e também Casanova louvaram essas embarcações em suas produções literárias.

A viagem pela água durou a noite toda. Ao amanhecer, sua mãe “abriu uma janela que ficava diante da cama, e os raios de sol nascente incidindo em meu rosto fizeram-me abrir os olhos”. E, quando fez isso, ele vislumbrou um desfile de árvores passando lentamente. “Ah! Minha querida mãe!”, exclamou, ‘o que significa isso? As árvores estão

andando.” Quando os presentes riram da pobre criança, ela explicou: “É o barco que está se movendo, não as árvores. Vista-se”.

Começando a raciocinar, ele decidiu ser possível que “o sol não se movia, e somos nós que vamos do oeste para o leste”. Zanetta, impaciente, “deplora tamanha estupidez, o Signor Grimani se compadece de minha falta de inteligência e eu fico completamente perplexo e à beira das lágrimas”. Por sua vez, o Signor Baffo o tranquiliza: “Tendes razão, minha criança. O sol de fato não se move, sede corajoso, raciocinai sempre com lógica e deixai que os outros riam”. Profundamente desconfiada desse conselho tão radical, Zanetta perguntou ao aristocrata se ele estava “fora de si”, ao que ele respondeu com uma “teoria adaptada à minha razão simples, intacta”. A afirmação do poder da razão significou muita coisa para a criança aflita: “Esse foi o primeiro prazer real de que desfrutei em minha vida”.

Finalmente chegaram a Pádua, a cerca de cinquenta quilômetros de Veneza. A cidade mantinha estreitas relações com Veneza, mas, ao mesmo tempo, ficava a um mundo de distância. Quem desejava fugir das restrições e da perpétua penumbra de Veneza procurava os amplos espaços abertos e banhados de sol de Pádua. Veneza era o bastião do comércio, combate e misticismo; Pádua, centro de fé e aprendizado. Sua gigantesca Basilica Pontifícia di Sant’Antonio di Padova atraía peregrinos de toda a Europa que vinham venerar o túmulo de Antônio de Pádua, “*il Santo*”, venerado como mestre e canonizado apenas um ano após sua morte, em 1231, com a idade de 35 anos.

Fundada em 1222 como uma escola de direito, a Universidade de Pádua era considerada uma das maiores e mais influentes instituições de seu gênero na Europa. Qual-



Balsa do correio veneziana, ou burchiello, por Giandomenico Tiepolo.

quer veneziano procurando ensino ia para lá, porque a própria Veneza, com todos os seus palácios, igrejas, teatros e oficinas, não tinha universidade. Com o tempo, a escola de direito se expandiu e uma escola de medicina foi aberta. O anfiteatro de anatomia atraía tanto médicos como artistas para estudar dissecações. O jardim botânico da universidade reivindicava ser a mais antiga instalação acadêmica de seu tipo. Nicolau Copérnico estudou medicina ali. Galileu Galilei ocupou a cátedra de matemática da universidade de 1592 a 1610.

O lugar fervilhava de alunos, com seus debates calorosos, inquietação intelectual e protestos. Devagar, o jovem Giacomo começou a florescer. Após a partida da mãe, ele ficou brevemente na casa de um amigo da família chamado Ottaviani, “cuja esposa fez-me muitos afagos”. Os cinco ou seis filhos de Ottaviani prometiam dar um fim a seus anos de isolamento.

Lamentavelmente, sua estadia foi curta. Ele foi logo mandado para a casa de uma “senhora eslovena” que vivia a cinquenta passos dali e via em seu jovem inquilino uma fonte conveniente de renda. Com a mágoa da época ainda fresca na mente sete décadas depois, ele recordou sua chegada à pensão da mulher: “Meu pequeno baú foi aberto em sua presença e foi lhe dado um inventário de tudo que continha”. Ela exigiu e recebeu pagamento adiantado referente a seis meses. “Por apenas seis *zecchini* cabia-lhe me alimentar, manter-me asseado e arrumado e me mandar para a escola.” A mulher protestou que a quantia não bastava para cuidar dele, mas nenhum de seus parentes lhe deu ouvidos. “Ganhei um beijo, fui instruído a obedecer-lhe sempre em tudo e deixado ali onde estava. Assim se livraram de mim.”

Sua senhoria eslovena lhe mostrou a cama onde dormiria, no sótão, “a última numa fileira de outras quatro, três das quais pertencentes a meninos de minha idade, naquele momento na escola, e a quarta à criada, que era incumbida de nos fazer dizer nossas orações e de ficar de olho em nós, para que não nos entregássemos às travessuras e impudência típica de meninos”. Em meio a esse ambiente novo e austero, o jovem inocente ficou entorpecido, “nem feliz, nem infeliz; eu nada disse; não senti esperança nem desespero, tampouco curiosidade”. Sua senhoria lhe causava repulsa. “Seus traços masculinos me desolavam toda vez que eu erguia os olhos para seu rosto de modo a escutar o que me dizia.” O cabelo preto, a tez amarelada, as sobrancelhas grossas enregelavam seu coração; ele não conseguia desviar o olhar dos horrendos pelos que brotavam daquele queixo. Seus seios eram “hediondos, semiexpostos” e “flácidos, com um grande vão entre eles que descia até a metade de seu corpo alto”.

No almoço, “sentei à mesa e, vendo uma colher de pau diante de mim, empurrei-a e pedi meus talheres de prata, presente de minha avó e que me eram muito queridos”,

mas teve seu pedido negado. Tinha de se adaptar aos demais meninos enquanto estivesse sob o teto da mulher. Igualdade era o lema, de modo que tomou sua sopa como fizeram os outros, direto da terrina, como se não fossem muito diferentes de porcos diante da gamela. A sopa repugnante deu lugar a um bacalhau seco e duro e uma maçã — nada além. Era época da Quaresma, assim foram lembrados, e isso significava que não receberiam copos. Todo mundo bebia de uma mesma jarra de cerâmica contendo a *grappa*, um resíduo dos talos de uva fervidos — nem sequer as próprias uvas.

E então chegou a hora de conhecer seu professor, um padre chamado Antonio Maria Gozzi, destinado a passar toda a sua carreira em paróquias nos arredores de Pádua. A senhoria de Giacomo pagou ao padre uma ninharia para dar aulas ao recém-chegado. O dr. Gozzi, com no máximo 26 anos, pelas estimativas de Giacomo, era “gorducho, modesto e cerimonioso”.⁶ Aos nove anos, Giacomo parecia decididamente lerdo, então o dr. Gozzi o colocou junto com meninos de cinco anos que aprendiam a escrever. As crianças “começaram a zombar de mim na mesma hora”.

A ceia se revelou ainda mais nauseabunda e parca do que o almoço, e então era hora de ir para a cama e conhecer novos horrores: “Três insetos não me permitiram cerrar os olhos”. Ratos corriam pelo assoalho e pulavam em sua cama, “enchendo-me de um medo que gelava meu sangue”. De seu sofrimento, Giacomo extraiu uma moral: “Desse modo aprendi o significado da infelicidade e a suportar o infortúnio com paciência. Entrementes, os insetos que me devoravam minimizaram o terror inspirado pelos ratos, e meu terror, por sua vez, deixou-me menos consciente das picadas dos insetos. Minha alma tirou proveito da competição entre minhas aflições”.

Quando os primeiros raios de sol irromperam na escuridão do sótão, Giacomo se levantou de seu “ninho de pragas”. A criada chegou, o menino se queixou de suas aflições e pediu uma camisa limpa, “já que a que usava estava terrível com as manchas de piolho”. Nada de roupa limpa para ele, não nessa manhã, apenas aos domingos. Ele ameaçou protestar com a senhoria insensível e desleixada, e a resposta da criada a seu sofrimento foi uma gargalhada. “Escutei meus companheiros zombando de mim. Estavam nas mesmas condições que eu, mas haviam se acostumado àquilo.”

Giacomo cochilava durante as aulas matinais, até que o dr. Gozzi resolveu descobrir o que havia de errado. Privadamente, o menino lhe contou de suas agruras, e o professor examinou as picadas inflamadas em seu jovem corpo. Com isso, conduziu-o de volta à pensão, confrontou a senhoria, que pôs a culpa na criada, que por sua vez culpou a senhoria pela infestação. Gozzi descobriu que todas as camas eram igualmente abjetas. A resposta da senhoria foi dar um tabefe na criada; então a criada devolveu o tabefe e se afastou furiosamente, enquanto o padre repreendia de forma severa a eslovena, afirmando que Giacomo não poderia voltar às aulas enquanto ela não tomasse as providências para que ficasse “tão limpo quanto os demais alunos”. Quando o padre partiu,

Giacomo recebeu uma “violenta bronca”. Se algum dia fizesse todo aquele alarde por coisa nenhuma outra vez, advertiu a mulher, ela o expulsaria da pensão.

“Fiquei completamente desnortado”, ele disse. Mas ganhou uma camisa limpa — atirada em seu rosto — e não muito depois a criada — uma nova — trocou seus lençóis encardidos.

Com as condições de moradia por ora ajeitadas, Giacomo se debruçou nos estudos. Um preceptor afável, o dr. Gozzi “punha-me sentado a sua própria mesa, onde, para convencê-lo de que merecia a distinção, apliquei-me a estudar com toda minha energia”. Ao final do mês, “eu estava escrevendo tão bem que ele passou a me dar aulas de gramática”.

Seu amadurecimento físico veio com o intelectual, e ele começou a se desenvolver. “A nova vida que eu levava, a fome que fui forçado a suportar e, acima de tudo, o ar de Pádua trouxeram-me uma saúde que antes nunca imaginara.” Não mais enfermo, começou a espichar. A robustez súbita veio acompanhada de um novo tormento: “Eu era esfomeado como um cão”. Quando finalmente comia, dormia — “nove horas do sono mais profundo, sem ser perturbado por sonho algum”, a não ser por um em que “satisfazia meu cruel apetite”. Para suplementar a comida recebida na pensão, Giacomo resolveu “roubar e engolir tudo de comestível em que pudesse pôr as mãos quando tinha certeza de não estar sendo observado”. Ele devorou cinquenta arenques defumados; enormes quantidades de linguiça crua; ovos recém-postos, ainda quentes — tudo “comida fina”. Saqueou até a despesa do dr. Gozzi. Mesmo assim, continuou “magro como um esqueleto, só pele e osso”.

Fez rápido progresso intelectual, enchendo a cabeça não menos do que a pança. Em seis meses, o dr. Gozzi o designou como *proctor*, ou monitor, dos outros alunos. Ele tentou ser rígido, mas, admitiu, os meninos aprenderam a cair em suas boas graças e a abrandar a severidade de seu julgamento com pequenos subornos de “frango assado e escalope, e muitas vezes me davam dinheiro”, coisa que só serviu para transformá-lo, segundo sua própria descrição, em um tirano que sonegava aprovação a menos que recebesse o incentivo apropriado. Os alunos extorquidos por ele se uniram para denunciá-lo ao mesmo dr. Gozzi que pouco antes acorrera em seu auxílio. O padre destituiu Giacomo de suas atribuições como monitor, porém, ainda enxergando uma chance de bondade no rapaz, propôs um esquema para libertá-lo da pavorosa senhoria eslovena e passar a se hospedar com ele. Tudo que ele tinha a fazer era escrever uma petição para o Signor Baffo e sua mãe a fim de efetuarem a mudança. Mas sua irrequieta mãe estava ocupada com a carreira de atriz e a vida amorosa, e desse modo ele a substituiu por sua “boa avó”. Descreveu “todos os meus sofrimentos” para ela “e profetizei minha morte

caso não fosse resgatado das garras da eslovena e alojado com meu mestre-escola, que estava disposto a me receber mas pedia dois *zecchini* por mês”.

Grimani negou o pedido, porém sua adorada avó analfabeta, ouvindo-os conversar sobre o conteúdo da carta, descobriu o covil da ignóbil velha eslovena. “Assim que a vi, atirei-me em seu pescoço, incapaz de conter as lágrimas, no que ela instantaneamente me acompanhou.” Ele lhe mostrou a refeição escassa e a cama detestável. Sofrera ali por seis meses! A senhoria informou Marzia secamente que, em razão da parca soma paga por sua família, aquilo era o melhor que podia ser oferecido. “Era verdade”, recordou Casanova, “mas quem a obrigava a manter uma pensão e desse modo se tornar a assassina dos meninos que a avareza entregava aos seus cuidados?”

A avó de Giacomo instruiu o menino a fazer a mala, pois estavam de partida dali. Ele carregou os talheres de prata consigo, como evidência de seu valor negligenciado. Ela o levou para uma hospedaria, onde ficou admirada de seu apetite voraz. Então o dr. Gozzi apareceu, e travaram uma breve negociação referente ao futuro do jovem. Os termos: 24 *zecchini* por um ano de alojamento, quantia pela qual ele lhe daria um recibo. Mas ela ainda não terminara com o neto. Passou os três dias seguintes obtendo roupas para ele se vestir de abade em treinamento — abades geralmente usavam preto, eram proibidos de dançar e duelar, mas de resto viviam como qualquer pessoa. Fez ainda com que ele cortasse o sujo e embaraçado cabelo e lhe providenciou uma peruca.

Por mais estranha que possa parecer a escolha de carreira para o menino, suas opções eram limitadas. Filho de um ator e uma atriz, ele não tinha lugar na sociedade. Não haveria fortuna a herdar, propriedade a administrar, herdeira com quem se casar. As leis e os costumes venezianos proibiam que se casasse com uma aristocrata. Ele podia se tornar comerciante, um sapateiro, por exemplo, como o avô. Como padre, por outro lado, evitaria a penúria, e se viesse a ser intelectualmente dotado, talvez fizesse um nome para si. Para a família seria uma honra dar um filho para a Igreja. Zanetta escreveu de Varsóvia para encorajar o plano: “Podes imaginar meu conforto se dentro de vinte ou trinta anos souber que és um bispo?”.

Como preparativo para essa nova etapa de sua vida, Giacomo juntou-se à pequena família do dr. Gozzi: sua mãe, “feia, velha e mal-humorada”; seu pai, que “trabalhava o dia inteiro e nunca falava com ninguém”, a não ser em suas ocasionais idas à taverna, de onde voltava invariavelmente “irascível e embriagado”; e a irmã mais nova do padre, Bettina, de treze anos, “linda, alegre, leitora de romances”. Ela se tornou o primeiro amor de Giacomo: “Foi ela que pouco a pouco acendeu em meu coração as primeiras centelhas de um sentimento que mais tarde passou a ser minha paixão dominante”.

Por ora, Giacomo admirava Bettina à distância, enquanto estudava com o dr. Gozzi, cujos alunos haviam debandado. “Todos os demais o deixaram, pois eu era o objeto solitário de suas atenções.” Para compensar a perda da renda, o padre decidiu começar

um pequeno internato, mas levaria dois anos para pôr esse projeto em andamento. “Durante esses dois anos, ensinou-me tudo que sabia, o que, para ser honesto, era muito pouco”, escreveu seu pupilo, “mas o suficiente para me iniciar em todos os ramos do aprendizado.” Ao mesmo tempo, o bom padre iniciou o rapaz nas complexidades do violino, outro recurso que se provaria ocasionalmente valioso. Casanova tinha pouco amor ou aptidão para a música, por mais estranho que seja, mas em Veneza o pendor por fazer música era uma habilidade de sobrevivência tão inestimável quanto manejar uma arma.

Os dois se envolviam em discussões filosóficas sob o estímulo de suas aulas. Quando o padre tentou enfiar na cabeça dura de Giacomo a crença de que Deus criara o universo do nada, o menino alegou “provar” que a ideia era absurda. O dr. Gozzi redarguiu que o jovem era um “tolo”, e o debate foi retomado. Com toda a polêmica, o menino nunca perdeu a consideração pessoal pelo mestre, notando que o padre “ria da estupidez de pessoas que perdiam tempo lendo jornais, que, segundo ele, nunca diziam a verdade e sempre falavam a mesma coisa”. Ele se opunha à “incerteza” e até “ao pensamento, pois engendrava a dúvida”.

Aos domingos ele dava sermões, recheados de passagens em latim e grego asseverando que “o pecado da carne era o maior de todos os pecados”, que enchiam os bancos de sua igreja de mulheres. A visão impressionava Giacomo, que estava despertando para a atração feminina. Ele implicou com os textos, afirmando que o pecado da carne era o menor de todos os pecados, enfurecendo seu mentor.

No início de 1736, quando Giacomo estava prestes a completar onze anos, sua mãe, impulsiva como sempre, convidou o dr. Gozzi para levar o filho a Veneza, aonde regressara para um breve interlúdio de sua temporada teatral em São Petersburgo. O dr. Gozzi, um humilde padre de Pádua, “nunca conhecera Veneza nem a boa sociedade e não queria aparentar ser um noviço em nenhum aspecto”. Em pouco tempo ele e Giacomo embarcaram em um elegante *burchiello* com destino a Veneza. Zanetta, experiente na arte de causar impressão, recebeu o filho e o dr. Gozzi “com perfeitas boas maneiras”, porém o padre “viu-se na desconfortável situação de ter de conversar com ela, mas sem ter coragem de lhe fitar o rosto”. Ela, por sua vez, não pôde resistir a flertar com o homem.

Após uma ausência de dois anos, a criança desajeitada e obtusa se transformara em um rapaz calmo e composto, usando uma peruca loira, que, como ele recordou, “destacava-se contra minha tez escura e fazia o contraste mais gritante com minhas sobrancelhas e olhos negros”. Zanetta encarregou Bettina, a quem Giacomo era tão afeiçoado, de cuidar de sua aparência e encomendou uma peruca nova, mais elegante,